

# O TIMONEIRO

Jornal comunitário

CARAVELAS - JUNHO/JULHO DE 2007 - EDIÇÃO Nº 4

## DESENVOLVIMENTO?! PARA QUEM?!

A photograph showing several fishing boats on a sandy beach. In the foreground, a man in a blue cap and dark shirt is carrying a large, tangled fishing net. Another man is visible on a boat in the background. The scene is set against a clear blue sky and calm water.

**Pescadores de Caravelas lutam para reconquistar autonomia**

**3** A história da vida de Cocotinha

**4** Filme Lia é premiado no Rio

**5** Passeio por Nova Tribuna

**12** Armazéns Antigos de Caravelas



## Perfil

**Nome:** Elson Passos  
**Idade:** 55 anos

**E**le é um dos personagens mais populares de Caravelas. Nas reuniões ou manifestações públicas é presença garantida. Não importa o assunto: questão ambiental, patrimônio histórico, hospital em crise. Para uns, um visionário. Para outros, um louco. Nessa edição, O Timoneiro tenta responder uma pergunta já feita por muitos caravelenses: Afinal, quem é esse cara que atende pelo apelido de Cocotinha?

Elson Passos Sena nasceu em 1952, em Caravelas. Era o filho homem mais novo entre 18 irmãos. Seu pai se chamava José Passos Sena. Era estivador e

um dos mais conhecidos marceneiros da cidade. Seu Zezinho, como era chamado, foi presidente do antigo Vitória e responsável pela construção do comentado ginásio de madeira do Clube. Elson aprendeu ainda moço a arte do trabalho com madeira na marcenaria do pai – que ficava próxima ao beco do Turunas. Ali, se especializou na função de armador de móveis. Só estudou até o 3º ano ginásial.

Ainda jovem, Elson se mudou de Caravelas, acompanhando as andanças de seu pai. Morou em Minas e São Paulo. Mas o lugar onde passou mais tempo foi o Rio de Janeiro. Ali, seu pai trabalhou como funcionário civil da Mari-

nha. Junto com o filho, fazia entalhes e peças de carpintaria para embarcações. Desde a década de 70, Elson vinha periodicamente à Caravelas. Aqui, já se pode fazer a seguinte pergunta: “Tudo bem!! Mas de onde vem esse singular apelido de Cocotinha?”. Ele conta que sua madrasta tinha uma loja de confecções no Rio e produzia roupas em vários estilos. Nas suas vindas na cidade, em geral no Carnaval, Elson introduziu a calça de corte baixo na cintura cujo nome era Cocota. Daí para o apelido, foi um pulo.

# Elson Passos

## Conhecendo a História de Cocotinha



### A Primeira Voz de Resistência em Caravelas

O temperamento liberal de Cocotinha, acentuado pela vida no Rio, chocou-se com força contra o padrão conservador de Caravelas. No final dos anos 70 e início dos 80, Elson foi o pioneiro na utilização do cabelo rastafari. Também foi o primeiro a assumir publicamente o consumo de maconha. Pagou caro pela ousadia. Por diversas vezes, foi preso e espancado na delegacia pela polícia. “Eu já ia apanhando no caminho” – recorda. É um assunto que ele não gosta muito de lembrar. Mas o preço das sessões de espancamento custou caro: Cocotinha perdeu um dos rins. O outro funciona de forma precária. Sua saúde hoje é debilitada e razão de sofrimento constante. Outra doen-

ça que o incomoda é a gastrite. “A gente come fora, né! E, às vezes, me davam comida azeda. Quando, requeita, tá quente, você não percebe o azedo!”.

No início da década de 80, Elson foi uma das primeiras vozes a se levantar contra a destruição dos casarios do centro histórico e adjacências. Costumava dizer: “Quer fazer casa nova vai fazer para lá. Mas deixa o Centro Histórico.” Numa ocasião, iam demolir um velho casarão no lugar onde se construiu a atual delegacia. Ele se amarrou aos portões para impedir. Foi preso. Conta que também subiu no telhado da antiga estação de Ponta de Areia na tentativa de evitar sua demolição. Cocotinha manifestava sua indignação contra a depredação do patrimô-

nio histórico de forma artística. Nessa época, ele fazia entalhes em madeira com desenho dos antigos casarios. Elson serviu de inspiração e introdução na arte do entalhe para várias pessoas da cidade. Ele costumava trabalhar em céu aberto, em frente à Igreja Santo Antônio. Jaco Galdino, um dos fundadores do Movimento Cultural Arte Manha, lembra: “A gente via o Cocotinha trabalhar com a madeira, com entalhe. Eu pensava: “Pôxa eu quero mexer com isso. E a gente ia olhando ele fazer e tentava produzir em casa.” – diz Jaco, que hoje trabalha em Ilhéus no fábrica de móveis e é um dos responsáveis pelo Ateliê Astúcia, do Arte Manha. No mesmo período, Cocotinha assumiu a coordenação de um Centro Cultural ensinava crianças a entalhar.

### Tempos de Militância Ambiental

Certa vez, circulou o boato de que Elson tinha morrido. Era o fim da década de 80. Na verdade, Cocotinha sofreu no Rio de Janeiro um sério acidente. Prestando serviço para a Marinha, teve um sério acidente onde bateu com a cabeça. Ficou longo tempo internado. Na última vez que veio em definitivo para a cidade, já chegou aqui com a saúde debilitada. Morava na Rodoviária. “Consegui com ajuda de dois amigos, o

quartinho onde moro” – referência aos dois cômodos que ocupa num terreno ao lado da rodoviária. Ele é funcionário da prefeitura e trabalha como vigilante noturno na escola Isabel Costa. Também é simpatizante da Igreja Testemunha de Jeová.

Ele reclama do preconceito e agressividade com que é tratado por algumas pessoas. “Outro dia, um rapaz lá do Bairro Novo tentou jogar o cachorro dele para cima de mim. Eu me defendi com a Bicicleta. Ele aproveitou e me pegou por trás. Me deu uma gravata e me puxou pelo cabelo. Fui no Hospital para darem uma olhada”.

Hoje, Elson é figura presente nas mobilizações ambientais da região. Defende a implantação da Reserva Extrativista do Cassurubá... e se diz contra a instalação da mega fazenda de Camarão: a Coopex.



À Esquerda: Desenho de Cocotinha na parede de uma casa de Caravelas. Mostra uma antiga arquitetura da Igreja Santo Antônio. Onde é o centro da nave hoje, existia uma Praça fortificada. Foto à Direita: Cocotinha foi inspiração inicial da Arte Manha no entalhe



# Filme Lia é Premiado no Rio

## Movimento de comunicação de Caravelas conquista outros cantos do Brasil

**P**arece até aquelas histórias brabas de pescador!! Veja só: Caravelas é uma cidade onde não existe Secretaria de Cultura e as articulações culturais envolvendo o poder municipal são praticamente nulas. No entanto, um curta-metragem feito na cidade por moradores ganhou o prêmio de melhor filme num Festival de Cinema no Rio. Entre 180 filmes do Brasil inteiro, o filme Lia foi selecionado entre 32 dos que participariam da mostra competitiva do Festival Visões Periféricas, que aconteceu entre os dias 6 e 17 de junho. O evento reuniu grupos populares de cinema de todo o Brasil: projetos de vídeo em aldeias indígenas, nas favelas, de áreas quilombolas... gente do Amazonas, Pernambuco, Rio, São Paulo... O único filme da Bahia veio de Caravelas: foi Lia.

Dois realizadores do filme foram convidados para participar do Festival com todas as despesas pagas. Participaram de debates, assistiram aos outros filmes... e no dia 10 de junho, dia das premiações, em pleno Centro Cultural da Caixa Econômica, Franklin Costa e Jamilton Galdino, representando a equipe de Lia receberam o prêmio de melhor filme pelo Júri Cachaça Cinema Clube, um júri paralelo que representa um tradicional clube de cinema do Rio. Dias depois, o curta-metragem Caravelense foi exibido no Cine Odeon, um dos mais clássicos cinemas da cidade.

—“Mostramos que existe formas de confrontarmos os grupos que estão no poder em Caravelas! São forças políticas que buscam nos esvaziar como pessoas com o abandono da cidade, do nosso patrimônio... neutralizar nossa riqueza cultural. Mostramos que é possível nos organizarmos, que a partir da própria população podemos criar, construir outras possibilidades para a cidade. Quando um filme de Caravelas ganha um prêmio na capital cultural do país chegamos para essas pessoas e perguntamos: E Ai?!?” — desabafa Jamilton.

O ator Franklin Costa, outro representante do filme, lembra que o Cine Clube é uma reunião de pessoas e grupos da cidade que pretendem desenvolver a linguagem áudio-visual na região.

—“São raríssimos os cinemas no Extremo Sul. Queremos criar em Caravelas espaços para assistir filmes de qualidade. Acho que nunca se pensou em produzir cinema a partir dos grupos populares daqui. No primeiro filme, ganhamos um prêmio!! A mudança do quadro político atual na cidade depende da recuperação da auto-estima, da valorização da identidade local e da capacidade de criar... Queremos que os moradores descubram que podem ser produtores de filmes.”



### Uma Comunicação Coletiva

O Cine Clube Caravelas é uma reunião de pessoas e grupos da cidade com a idéia de desenvolver a comunicação áudio-visual. De acordo com Anerivan Silva, integrante do Cine Clube, tão importante quanto produzir os filmes são os eventos realizados para lançá-los na cidade: “São os momentos em que a gente reúne as diferentes gerações de Caravelas, pessoas de diferentes partes da cidade, representantes de diferentes grupos... e a gente se reúne para que? Para assistir nossa história, as pessoas que são importantes para a cidade, os lugares onde crescemos. Lotamos o Auditório do Polivalente no Lançamento de Lia. Lotamos o Clube dos 40 no lançamento de Outros Carnavais, mais um filme feito pelo Cine Clube. Caravelas tem sede desses momentos de encontro.” — diz Anerivan.



**Fotos Acima:** Jamilton recebe prêmio de melhor filme representando a equipe de Lia e a população de Caravelas.

**Foto ao Lado:** Gravação das cenas finais de Lia. Participaram entre equipe, atores e figurantes, cerca de 30 moradores da cidade.

**Foto canto esquerdo:** Lançamento de Lia em Caravelas. Auditório do Colégio Polivalente lotado mostra cidade precisa ter de volta seu Cine Teatro



### Filme Outros Carnavais é Lançado

O Filme Outros Carnavais, um documentário de 38 minutos cujo tema é o carnaval antigo de Caravelas foi lançado na cidade em sessão especial no Clube dos 40. Personagens importantes como Irênio, Dilon, Piabá e Dona Sinhá falam dos primeiros trios elétricos, da primeira escola de samba, dos antigos blocos e outras recordações do carnaval antigo. O filme é a segunda grande produção apresentada pelo Cine Clube Caravelas.



# NOVA TRIBUNA: Um Distrito Rural



Naquela época, o nome da localidade era *Finca-Torno*, uma referência ao processo confuso de demarcação de terra, onde quem chegava fincava logo um toco para demarcar seu terreno. O nome durou até 1966, quando foi substituído por Nova Tribuna.

Na verdade, a primeira atividade econômica local foi a derrubada clandestina de mata pelas serrarias. Com a abundância de terras, a região prosperou com o plantio de mandioca, banana, abóbora, quiabo, maxixe, pimenta, melancia e criação de gado. Esses produtos eram vendidos para outros estados. Ainda hoje, o distrito é um dos



maiores produtores de leite de Caravelas com a produção média de 100 mil litros por mês. No entanto, a despeito da quantidade de terra agricultável, Nova Tribuna se caracteriza atualmente pela grande concentração de terras nas mãos de grandes fazendeiros: são as fazendas de eucalipto, um processo que se intensificou em 2000 fomentado pelas empresas de celulose. A maior delas pertence à Jurandir Boa Morte – que nesse mesmo período era prefeito de Caravelas. É a fazenda Santa Fé, que é uma das maiores produtoras individuais de eucalipto. Beneficiada pela proximidade com as terras de um ex-prefeito, Nova Tribuna recebeu investimentos urbanos: o acesso ao distrito hoje está cascalhado e, há cinco anos, as ruas principais estão calçadas. A comunidade conta com duas igrejas, escola, posto de saúde e transporte diário.

*Foto à esquerda:* Seu José, o Zé Cutia, é um dos mais antigos moradores de Nova Tribuna. Seu pai foi um dos pioneiros na ocupação da região.

**R**odamos cerca de 120 km até chegar ao mais rural dos distritos caravelenses e também aquele localizado no ponto mais alto do município: Nova Tribuna. Apesar de sua considerável área territorial, população estimada do distrito é de apenas 460 moradores – apesar do cartório eleitoral apresentar o distrito com mais de 500 eleitores. A viagem foi longa. Mas se partíssemos de Teixeira, seria mais rápida: só 35 km.

Os primeiros movimentos de ocupação efetiva na região datam do início da década de 50. Moradores antigos lembram do pioneirismo do senhor Faustino Rodrigues de Souza, que junto com a família, foi um dos primeiros a ocupar o local. A prosperidade vivida por Caravelas devido ao Porto e à Estrada de Ferro Bahia-Minas atraía mais gente para aquelas redondezas.



*Foto Acima:* Marivane é líder comunitária e luta pelo fortalecimento da agricultura familiar na região.

*Foto à esquerda:* Dona Maria Francisca se recusou a transformar sua roça em eucaliptal. Possui uma das poucas casas de farinha de Caravelas



## Os retirantes na Aracruzilhada da morte



## Quando o Eucalipto Substituiu a Comida

Quem olha de longe pode até pensar: o Eucalipto é que movimentou a economia local. Mas estima-se que apenas 30 moradores trabalham com eucalipto. A colheita é feita pela Aracruz e o resto dos funcionários vêm de Teixeira. O comerciante José Rodrigues, o Zé Cutia, filho do pioneiro Faustino Rodrigues, até considera o eucalipto importante. “As pessoas recebem e no fim do mês vem fazer as compras aqui”. No entanto, outro comerciante local, seu Wivaldo Pereira Rodrigues discorda: “Antes as pessoas plantavam mamão, maracujá e melancia... o trabalho era melhor distribuído. Você tinha mais opção. Hoje, quem produz alimento?! É só eucalipto!” – afirma Wivaldo, ajudando a entender o porquê do custo dos alimentos em Caravelas ser tão alto já que a produção de alimento vem toda de fora.

Na última década, dezenas de pequenas propriedades foram vendidas e incorporadas pelas grandes fazendas. Um interessante caso de resistência é a propriedade de Dona Maria Francisca Santos Salomão. Sua propriedade é vizinha à dos irmãos – herança deixada pelos pais. Ela planta laranja, mandioca, feijão. Tem até mesmo uma farinha – talvez a única da região. “Já nos

fizeram várias ofertas para comprar ou arrendar nossa terra, mas recusamos. O próprio Jurandir já fez oferta para comprar aqui e para plantar eucalipto”.

Contudo, uma mobilização local busca conscientizar a população para a possibilidade da agricultura familiar, ação que o poder público não desempenha. Com o apoio do EBDA (Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola), da Paróquia São Paulo Apóstolo de Teixeira e do banco do Nordeste, criou-se o PRONAF-B, que cede um empréstimo de até 1500 reais para os pequenos agricultores. A Paróquia junto ao Sebrae também vem dando palestra para incentivar a agricultura familiar. Marivane Vieira, líder comunitária e secretária da Pastoral da Terra diz que tudo é feito sem qualquer apoio do poder público: “Já convidamos o atual prefeito 3 vezes para participar da nossa reunião mensal... mas ele nunca respondeu ou deu justificativa, só ignorou. Na última semana do agricultor, o convidamos para a abertura. O objetivo era para traçar metas para 2007. Ele não apareceu nem mandou ninguém”.

# DESENVOLVIMENTO E PESCA:

**E**is uma legítima história de pescador caravelense. Romauro Batista Figueiredo tem 50 anos. Mora em Ponta de Areia e é pescador. Dia 14 de julho, antes das 5 da manhã, já estava no mar com outros dois companheiros. Rumaram lá para as bandas da Pedra de Santa Rita. Por volta das 13 horas, estavam puxando o barco de volta. Ao chegar no porto, um dos momentos mais frustrantes da jornada: a divisão e entrega dos pescados. De tão pouco, os ajudantes não quiseram vender. Levaram para casa. Romauro ficou com 2 quilos de griacó, 1 quilo de guaiúba e 2 quilos de mistura. Repassou para o atravessador local por: 4 reais o quilo do Griacó, 2 reais o quilo da Guaiúba. A mistura saiu por dois reais o quilo. Soma total: 14 reais. Só que ainda tinha um porém: descontar o óleo pego na mão do atravessador, 15 litros ao custo de R\$ 2,15 o litro. Tinha, então, que pagar 30 reais. No final de um dia inteiro de trabalho, Romauro saiu com uma dívida de 15 reais.



## A DÍFICIL ARTE DE VIVER DA PESCA EM CARAVELAS

Romauro é representante da classe profissional que estruturou a base econômica durante todo o período de declínio econômico de Caravelas. Estima-se que 600 pessoas na região vivam diretamente da pesca e cerca de 2 mil indiretamente, contando o município com cerca de 350 embarcações pesqueiras. A história de Romauro é recontada diariamente por quase todos os pescadores locais. Pode até variar o modelo de embarcação, os dias no mar, o tipo de pesca. Mas a verdade é que 2007 tem sido um dos piores anos de pesca na região. É bem verdade que o problema acontece em escala mundial. A pesca industrial e da destruição de ecossistemas

marinhos, como os manguezais têm diminuído o pescado no planeta. Contudo, as raízes locais dos problemas são muito mais evidentes e são resultado de um profundo abandono por parte dos governos. Falta de tudo para o pescador: segurança nas embarcações e equipamentos de navegação, reconhecimento da atividade como profissão, planos de saúde para a categoria, cursos diversos de formação: da alfabetização ao aprimoramento da prática pesqueira.

Na região, cada vez mais pescadores suspeitam que outros empreendimentos econômicos trazem prejuízo à atividade de pesca. O próprio terminal de barcas da

Aracruz e os constantes processos de dragagem são alvos de severas críticas.

– “Nunca uma abertura de pesca do camarão foi tão fracassada como esse ano. A dragagem jogou uma lama mole na margem. Você não consegue andar nem passar a rede. Antes, era um chão duro, com conchinha... o camarão e outros bichinhos andavam por ali. Hoje, isso tá tudo tapado de lama mole. O peixe e o camarão não ficam ali. Desequilibrou o que era.”, diz Romauro.

É uma opinião compartilhada com quase todos que pescam na região e bate de frente com uma pesquisa feita para Aracruz, onde se afirmou que o banco camaroneiro não foi afetado pela dragagem.

Contudo, a falta de estrutura de entrega e comercialização é um problema ainda maior. Antônio de Oliveira Santos, 57 anos, pescador da Barra, comenta que a dependência de pequenos atravessadores, encarecem a ida ao mar e jogam o preço do produto lá embaixo.

– “Entregamos o pescado por um preço muito baixinho. O quilo de arraia fica à R\$ 1,20. Veio um rapaz de Eunápolis na entrega de carteira de pesca pela SEAP e disse que a arraia lá sai a 12 reais o quilo. Fica um preço muito injusto. Compramos o gelo e o óleo mais caro na mão do atravessador. O ganho é pouco... e se quebra um cabeço de do barco, o conserto é 400 reais.”

## O SONHO DE REATIVAR A COOPERATIVA

Na entrada da cidade, uma rua à esquerda leva às ruínas de um antigo projeto falido: a Cooperativa Mista de Pescadores do Extremo Sul da Bahia - COPESBA. Foi fundada no final da década de 70 pelo governo do Estado. Em 1986, beneficiava 200 associados e gerava 150 empregos diretos. Fechou as portas em 1999 com uma dívida astronômica com o Banco do Nordeste. Nas antigas instalações, pode-se observar a sucata de toda a infra-estrutura necessária para alavancar a pesca em Caravelas: frigorífico,

máquina de gelo, sala de processamento de camarão, estaleiro para reparo de embarcação. Pescadores como seu Antônio, da Barra, sonham com a revitalização do espaço.

– “Só da gente ter uma câmara fria para deixar o pescado e negociá-lo a um preço melhor já fazia uma diferença absurda. Se a arraia saísse à R\$ 2,50 reais, já seria mais justo. Também faz falta uma fábrica de gelo. Compramos gelo vindo de Alcobaça na mão do atravessador. Sai 3 reais por cuba. Podia ter um lugar para vender material para gente

com preço de fábrica... além de coisas miúdas como a cola araudite. Podíamos ter um posto de óleo vendendo mais barato... existem programas do governo que barateiam o óleo para a gente”.

O pescador Lierte Abreu Siquara, 49 anos, morador de Caravelas, vem tentando reunir outros pescadores para encontrar formas de reativação da cooperativa: aproveitando a antiga ou partindo para um novo projeto... mesmo que seja apenas u-

ma máquina de fazer gelo e uma câmara fria para estocagem do pescado.

– “O espaço físico da cooperativa está bom. Mas as máquinas estão enferrujadas. Mas as câmaras frias estão em bom estado. É preciso vir um técnico para fazer uma análise. Podíamos pensar em bateria solar para economizar luz. Temos água boa do poço! Com essa cooperativa funcionando, você ajuda não só o pescador como o marisqueiro da Ribeirinha. Mas agora vamos fazer a partir da organização do pescador, e não de cima para baixo como da outra vez”.



Foto Superior: Pescador Romauro de Ponta de Areia.

Foto ao lado: Antiga sede da Cooperativa. Prédio continua com boa infra-estrutura. Mesmo as câmaras frias (Foto acima) ainda estão em condições de uso. Somente os equipamentos estão sucateados. Luta para reativar esse espaço e grande demanda dos pescadores da região.

# Em Busca da Autonomia Perdida!

## PESCADORES PRESSIONAM BAHIA-PESCA

Em reunião realizada 13 de julho pela Bahia-Pesca (empresa do governo estadual encarregada em desenvolver a atividade pesqueira) em Ilheus para fazer um diagnóstico da questão pesqueira no Extremo Sul da Bahia, o próprio Lierte entregou à empresa a reivindicação de revitalização da cooperativa ou criação de um posto de beneficiamento de pescado em Caravelas. De acordo com o presidente da Bahia-Pesca, Aderbal de Castro, o governo está empenhado em tratar a pesca no estado de forma regionalizada:

— “O extremo-Sul é uma das 5 micro-regiões. Essa primeira reunião foi um diagnóstico. Na próxima, que será em agosto, vamos discutir as prioridades de investimento. E essa questão de fortalecer a comercialização do pescado está muito em pauta. Existe uma chance grande de Caravelas ser contemplada.” — revela Aderbal Castro.

A empresa tem sido alvo constante de críticas por investir muito mais no grande empreendedor do que no pescador artesanal. Um bom exemplo disso, aconteceu dia 18 de junho, quando um grupo formado por pescadores de diversas cidades da Bahia fez uma passeata pelas ruas de Salvador até a Bahia-Pesca, pedindo mais atenção aos problemas do pescador e marisqueiros da Bahia.

Uma reportagem da revista Carta Capital, de 4 de julho de 2007, deixa claro como os interesses de empresários e políticos pautam as ações da Empresa. A matéria mostra como o advogado Marcelo Palma é ao mesmo tempo assessor jurídico da Bahia-Pesca, advogado da Coopex (fazenda de camarão que pretende se instalar em Caravelas) e também das prefeituras de Caravelas e Nova Viçosa na ação judicial que suspendeu a Zona de Amortecimento do Parque Marinho dos Abrolhos e na ação contra a Resex.



Movimento de Pescadores da Bahia organizado pelo Conselho Pastoral da Pesca (CPP) com a participação de diversas cidades da Bahia, como Caravelas, Canudos, Corumbau, Porto Seguro, ribeirinhos do São Francisco fizeram uma passeata pelas ruas de Salvador até a sede da Bahia-Pesca. Entre as reivindicações estavam a criação de políticas públicas voltadas para o pescador artesanal: criação de unidades de beneficiamento de pescado, linhas de investimento para extrativistas, assistência técnica. Defenderam também um basta na implantação de fazendas de Camarão na Bahia e um Não à transposição do Rio São Francisco.

## O COMPLICADO CASO DA COLÔNIA Z-25

Aqui já se pode fazer uma pergunta: Mas e a colônia Z-25?! O que a entidade representante dos pescadores em Caravelas têm feito pela categoria? Uma breve história ajuda a contextualizar a situação em que vive a colônia hoje.

Era o mês de março. Um grupo de pescadores da Barra, Ponta de Areia e Caravelas combinaram de se reunir com 2 pescadores da Reserva Extrativista do Corumbau. Pauta: trocar experiências e discutir sobre a implantação da Reserva Extrativista do Cassurubá — que está para ser criada em Caravelas. Os pescadores, associados da colônia Z-25, combinaram de se reunir na sede da Colônia. Pegaram as cadeiras, fizeram um círculo no pátio e começaram a

conversa. Um ofício havia sido enviado solicitando o espaço para a reunião. Não foi respondido. Incomodado com a presença do grupo, o tesoureiro Benedito Jorge chamou o presidente da colônia Júlio Silva dos Santos e a polícia militar para expulsar os pescadores. A alegação: aquela reunião não estava permitida. A própria polícia, constrangida, acompanhou o grupo revoltado de pescadores, que fez a reunião do lado de fora.

Mas qual a razão de tão grande disparate? Bem... lá vai a resposta: na atual gestão municipal, no auge da discussão sobre a vinda da COOPEX — Cooperativa dos Criadores de Camarão do Extremo Sul da Bahia, foi criada a secretária Municipal de Pesca. E quem foi o escolhido? O presidente da Colônia Z-25, Julio Silva dos Santos. O quadro ficou esquisito: um representante dos pescadores passa a defender a implantação de fazendas de camarão em cativeiro na região e assina em nome da colônia Z-25, sem conhecimento dos pescadores, um manifesto contra a Reserva Extrativista do Cassurubá. Júlio diz não

haver conflito de interesses entre ser funcionário da prefeitura de Caravelas e representante dos pescadores: — “O prefeito quer o desenvolvimento da cidade... a gente também” — diz o presidente da colônia.

Seu Antônio, da Barra de Caravelas, pode até perguntar: desenvolvimento de quem? Ele reclama do abandono da administração da colônia Z-25 em relação aos sérios problemas vividos pelo pescador na região:

— “Os serviços prestados pela colônia se resumem ao básico como seguro e entrega da carteira. quase nenhuma informação de assuntos que dizem respeito ao pescador nos é passada, nenhum projeto é feito para auxiliar o pescador”.

Também se questiona a falta de transparência da atual administração. O associado Wilson Alexandre Jesus Farias, o Lixinha, já entrou com ações na justiça contra a colônia:

— “Conseguimos um abaixo assinado com várias assinaturas que denunciam que pés enxutos, pessoas que não são pescadores, estão recebendo seguro desemprego? Esse documentado foi protocolado na consulta pública da Resex do Cassurubá e entregue no Ministério Público”, desabafa Lixinha, que reconhece faltar maior organização dos pescadores para pressionar a Colônia de pescadores Z-25.



Foto ao Lado: Sargento Lopes tenta convencer pescadores (Seu Antônio, da Barra, na parte de baixo da foto) a deixar a sede da Colônia. Em pé, na parte de cima da foto, o presidente da Colônia Z-25 e Secretário de Pesca de Caravelas, Júlio Silva dos Santos.

### Origens da Reserva Extrativista do Cassurubá

A criação da reserva extrativista (RESEX) do Cassurubá pode ser uma importante forma de impulso à pesca e ao processo de organização do pescador na região. A reserva estende seus limites de Caravelas até Nova Viçosa abarcando também boa parte dos manguezais da cidade.

A Resex resguarda a utilização desse espaço somente para os extrativistas da região. É uma forma de assegurar a preservação do meio ambiente local e manter o costume tradicional dos povos que ali moram. No caso de Caravelas, pescadores, marisqueiros e pequenos agricultores. Muita gente pergunta: quando começou essa história da Resex. Rogério Costa, Presidente da Associação de Marisqueiros de Ponta de Areia e Caravelas (AMPAC) lembra a origem do pedido de criação da reserva:

— “Em 1998, pescadores do Espírito Santo e outras cidades do litoral baiano invadiram o manguezal de Caravelas para a cata de caranguejo. A população ribeirinha pressionou o Ibama e pediu que fosse proibido que pessoas de fora entrassem no mangue. Porém, o mangue é uma área pública onde todos podem ir e vir. A única forma de proteção era a criação de uma reserva de uso sustentável. Em 2005, AMPAC formalizou o pedido da Reserva ao IBAMA.” — lembra Rogério.

De acordo com Pedro Ivo, assessor especial da Ministra do meio-Ambiente, Marina Silva, a Reserva extrativista do Cassurubá é prioridade para o governo.

# PESCADORES BUSCAM JUNTAR AS FORÇAS

**M**esmo sem ter sido criada a Reserva, o processo de mobilização para as consultas públicas ajudou a congregar muitos pescadores na luta por seus interesses coletivos. Gradualmente, novos grupos assumiram a discussão: pescadores de Caravelas, da Barra e de Ponta de Areia. Sem contar a Colônia de Pescadores, Z-29, de Nova Viçosa, que encampou a luta pela Resex do Cassurubá. Conta Seu Antônio, da Barra:

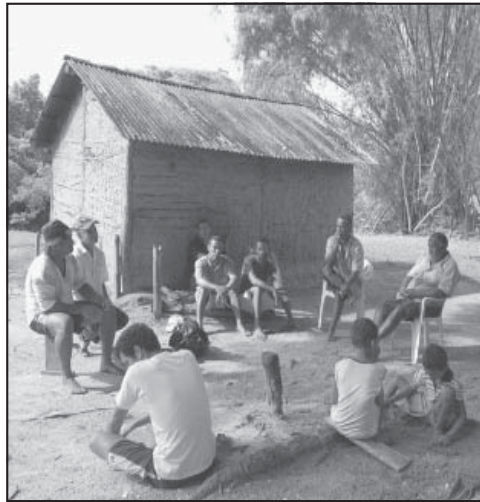
—“Eu mesmo era uma das pessoas que mais pescava em Corumbau. Quando decretaram a reserva de lá, achei ruim. Mas depois, vi que eles fizeram certo. A área deles é pequena e se nós continuássemos lá, já tinha acabado o pescado. É o que vamos fazer aqui. É a forma de garantir para meus filhos e netos um futuro na pesca. Impedir que esses barcos de fora venham para acabar com o pescado aqui!”.

Lierte foi outra figura ativa no processo de mobilização de pescadores de Caravelas e região ribeirinha. Ele lembra que uma vez decretada a reserva, as reivindicações são feitas diretamente entre extrativistas e governo federal:

—“Somos nós, pescador e marisqueiro, que vamos fazer as regras de como pescar e o que fazer dentro da Reserva. Vamos ter que nos reunir em Associações. O Ibama fica ali só para ajudar. Conversando direito com o governo federal, vamos ter condições de, organizados, pedir melhorias para nós, para o pescador: na educação, melhorias de habitação, equipamento de pesca e

navegação, recursos para processamento do pescado. Mesmo a Cooperativa podemos negociar. Mas temos que estar organizados” — afirma o pescador, que já percebeu que com Resex ou não, o importante é estar organizado. Ele está mobilizando um grupo de pescadores que pescam de rede para buscar solução sobre os prejuízos causados pelas baleias ... E brinca com a afirmação dos grupos pró-carcinicultura de que pescador quer é emprego:

—“Rapaz... se eu sou ferrão, vou querer virar boi! Eu tenho meu barco e trabalho para mim, sou meu chefe! A carcinicultura já vem classificada: é uma coisa para o pobre, outra para o rico. Qual o pobre que vai ser sócio de carcinicultura?!”



**Foto Superior:** o pescador Lierte (à esquerda da foto) tem se esforçado para reunir os pescadores em luta de seus direitos... Com Reserva ou sem Reserva Extrativista. Seu esforço resultou em perseguição por parte da prefeitura... teve seu contrato cancelado de forma arbitrária, já que era contratado para levar merenda para as escolas na zona ribeirinha. Além disso, a prefeitura decretou a desapropriação de um terreno seu pelo irrisório valor de R\$ 2.500,00. Lierte afirma que vai fazer valer seus direitos na justiça.

**Na foto, mais abaixo:** Grupo de pescadores conversando com moradores da região ribeirinha sobre a importância da Reserva Extrativista.

**Foto acima e ao lado:** Reuniões e Consultas públicas sobre a Reserva Extrativista do Cassurubá reuniram centenas de marisqueiros e pescadores de Nova Viçosa e Caravelas no Centro de Visitantes do Parque Marinho dos Abrolhos.



## O JOGO DA INFORMAÇÃO

Uma das linhas mais acirradas de disputa envolvendo a Resex diz respeito ao conflito entre organizações civis e grupos que defendem a implantação da cooperativa de criadores de camarão na região - que ficaria inviabilizada por estar dentro da área da Reserva. O resultado disso foi um intrincado jogo de informação e contra-informação, que mais confundiu pescador e marisqueiro do que esclareceu sobre Coopex e Resex - que, na verdade, era o grande objetivo de quem defendia o

projeto de carcinicultura, como a prefeitura. A dinâmica era mais ou menos assim: um grupo pró-Resex ia e explicava sobre a Reserva. Outro, pró-carcinicultura, vinha atrás e amedrontava: “Você vai perder a terra!”, “Não vai poder criar gado!”.

Desde Janeiro de 2006, Consultas públicas para criação da Resex Cassurubá foram realizadas. A primeira, no sítio do Sr. Silvano, no Rio dos Macacos, foi bagunçada pela presença dos grupos a favor da fazenda de camarão. Logo depois, aconteceu outra em Nova Viçosa. O bloco pró-carcinicultura conseguiu, na justiça, questionar a validade das consultas. Em março de 2007, planejou-se

outra consulta pública. Novamente, foi impedida em cima da hora, por conta de detalhes no processo de divulgação. Como já estava tudo pronto, a reunião aconteceu sem valor de consulta, reunindo cerca de 300 pescadores e marisqueiros. Finalmente, dois meses depois, aconteceu a última consulta pública. Mais uma vez, tentou-se impedir na justiça a realização. Dessa vez, prevaleceu o bom senso. E diante de quase 400 pessoas, técnicos do governo e pesquisadores esclareceram dúvidas sobre a reserva e apresentaram estudos técnicos... e disseram para os presentes: “Pode criar boi, sim!”, “A posse da terra é por toda a vida, estendida aos filhos, netos, bisnetos!...”

### Processo de Licenciamento da Coopex suspenso na Justiça

Na quinta-feira, 12 de julho, a Justiça Federal determinou a paralisação imediata do processo de licenciamento da atividade de carcinicultura no município de Caravelas. Baseado no fato de que a zona costeira é patrimônio nacional, o Juiz aceitou o entendimento do Ministério Público de que a competência do licenciamento é do IBAMA.

A decisão foi fundamentada no princípio da precaução. Entendeu-se ser prudente a paralisação do licenciamento da Coopex evitando a degradação do meio ambiente, que é patrimônio de todos.

Enquanto isso, o governo busca reconstituir a Zona de Amortecimento e deve anunciar em breve a criação da Reserva Extrativista do Cassurubá.

# TURISMO NA CIDADE SE REORGANIZA

**O** Ecoturismo ou turismo ecológico é uma das atividades econômicas que mais crescem no mundo. Essa é uma informação para fazer qualquer caravelense abrir um imenso sorriso. Por que? Bem... o Extremo Sul da Bahia é cercado por 4 Parques Nacionais... entre eles, Abrolhos que apresenta a maior biodiversidade marinha do Atlântico Sul. Suas formações recifais não existem em outras áreas do planeta. De julho a novembro, a área recebe a visita da baleia jubarte. Em terra, corredores de mata Atlântica se juntam a restingas e a uma das maiores áreas de manguezais do Nordeste. Juntando o verão com a temporada das baleias, pode-se dizer que Caravelas tem 8 meses de alta temporada. Contudo, na prática, o cenário do turismo na cidade parece estar abandonado. E apesar de todo o potencial, o fluxo turístico tem diminuído nos últimos anos.

No entanto, 2007 parece marcar uma virada de mesa no campo do turismo regional. A criação da Câmara



Reunião da Câmara da Costa das Baleias em Caravelas é uma aposta na regionalização do Turismo

de Turismo da Costa das baleias, com participação de grupos diversos como secretarias de turismo, empresários, ongs e mesmo o Parque Nacional Marinho de Abrolhos é uma parte desse processo. No âmbito municipal, novos ventos parecem soprar para o turismo na cidade. Há dois meses foi criada a Associação de Turismo de Caravelas com a idéia de reunir todos os empreendedores que, de uma forma ou de outra, lidam com o turismo:

donos de agências, operadoras de turismo, de pousadas, de lojas, de embarcações, taxistas e artesãos. Jaqueline Stábile, empresária da agência Horizonte Aberto afirma que essa articulação pode fazer toda diferença:

—“Como grupo, ficamos muito mais fortes para reivindicar nossos interesses com o poder público. Fica mais difícil deles chegarem e cooptar um. Temos que inverter a lógica de que a prefeitura faz um grande favor em ajudar a comunidade. Trabalhamos duro para pagarmos os salários deles. Já encaminhamos ofício à prefeitura com uma cópia para o Ministério Público, que exige a volta do Conselho Municipal de Turismo (CoMtur)” — afirma Jaqueline. Estima-se que o turismo na cidade possa gerar mais de mil empregos diretos.

A maior organização do setor turístico e articulações com a iniciativa privada levou a concretização da volta dos vôos para o aeroporto de Caravelas. O reinício dos vôos em Caravelas está previsto para agosto.

## Turismo Comunitário como alternativa de geração de renda e desenvolvimento para a população ribeirinha

**U**m projeto de turismo de base comunitária na região do complexo estuarino de Caravelas pode se transformar num modelo de desenvolvimento sustentável para a região. O projeto surgiu há alguns anos, resultado de um estudo feito pelo Projeto Manguezal sobre o potencial turístico dos manguezais e restingas da região. A partir de uma articulação entre o Parque de Abrolhos e a ong Ecomar, o projeto obteve apoio do Ministério do Meio Ambiente. Foi aprovado por unanimidade na Câmara de Turismo da Costa das Baleias e no Fórum Estadual de Turismo. A base

do projeto é aproveitar o fluxo de turistas do Parque Nacional, cuja maioria declarou ao pesquisador que faria outros passeios na cidade caso fossem oferecidos. Para isso, o projeto enfoca a organização e capacitação da população ribeirinha para receber os turistas. Vários campos de trabalho se abrem com o projeto: serviço de guia interpretativo das trilhas de restinga, na venda e elaboração de produtos regionais como artesanatos locais, no preparo das refeições

com pratos e alimentos típicos, no trabalho de guia explicando a fauna, flora e cultura da região. O projeto traz também a melhoria das condições de vida para a população local: melhoria das habitação com construção de fossas biológicas, cursos com noções de higiene e empreendedorismo, capacitação para montagem de cooperativa, desenvolvimento de agricultura familiar. O turismólogo

Carlos Ferraz, um dos pesquisadores do projeto afirma que o desenvolvimento de um turismo de base comunitária teria impactos positivos em toda a cidade.

— “Todo o turismo sustentável depende de uma cadeia produtiva local com atividades como o desenvolvimento da agricultura familiar. Você oferece condições de geração e distribuição de renda, segura a pessoa na terra impedindo a favelização da cidade. Com isso, se disponibiliza alimento com qualidade e num custo menor para toda região. O projeto trabalha diretamente com a organização da comunidade. Prevê melhorias de infraestrutura como pier, restaurantes, banheiros... mas sempre respeitando a arquitetura nativa e a natureza local”.

O projeto é uma espécie de piloto e atende 15 famílias ribeirinhas do Caribê de Baixo e está orçado em 530 mil. Mesmo ainda sem a implantação do projeto, algumas operadoras de turismo já fazem esse tipo de passeio. É o caso da Horizonte Aberto:

— “Uma vez combinamos com algumas famílias do Caribê e levamos um grupo para um passeio no mangue com almoço. Foi preparado uma galinha caipira com todos aqueles produtos típicos estendidos numa esteira. As pessoas ficam maravilhadas. Depois tomaram um chá de capim limão. Mais tarde queriam comprar a esteira e cesto feito pelas pessoas ali. Um menino levou o grupo por uma trilha na restinga. Já imaginou botar ali uma boutiquinha para vender seus produtos. Dessa forma, todo mundo participa e leva proveito.” — diz Jaqueline, lembrando que não adianta ser empresário na cidade e não investir nas pessoas daqui.



Imagine, da Horizonte Aberto, leva Turistas à Zona Ribeirinha.

Foto ao Lado: Antiga casa de farinha do Caribê é exemplo de cultura tradicional da população ribeirinha.

### Coisas difíceis de entender

Algumas posturas da prefeitura de Caravelas em relação ao Turismo parecem um mistério. Em outubro, foi lançado o guia oficial do turismo na Costa das Baleias. Apresentava textos em português e inglês falando das cidades e roteiros turísticos da região. A única prefeitura que não quis colaborar com o guia foi a de Caravelas. As informações da cidade entraram de favor no guia, com imagens cedidas pelo Parque Nacional e pelo Instituto Baleia Jubarte. As ações e conquistas regionais basicamente tem sido puxadas pelas prefeituras de Prado e Alcobaça. O prefeito de Alcobaça chegou a fazer um folder colorido divulgando as operadoras de Turismo de Caravelas. Pablo Faget, da agência Abrolhos Turismo diz que Caravelas sofreu reflexos positivos do trabalho de divulgação feito em outras cidades. “Nessa temporada houve um aumento de 20% de turistas motivadas pela visitação em Prado. Vans chegavam aqui com as pessoas perguntando: “Podemos ir para Abrolhos hoje?”.

# Das Quadras de Caravelas para as Alturas do Basquete Nacional

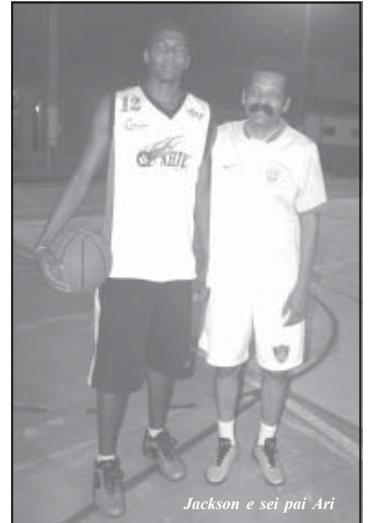


**A** história de Jackson é um exemplo para a juventude de Caravelas... e mostra como juntar talento, força de vontade e um pouquinho de sorte são capazes de alavancar qualquer projeto profissional. Jackson Farias, um jovem de 18 anos, 2 metros e 2 centímetros de altura, nascido e criado em Caravelas é pivô-ala do juvenil do Minas Tênis Clube. Seu time acaba de ser campeão do campeonato mineiro com algumas rodadas de antecedência. Desde 2005, ele tem viajado o Brasil jogando em diversos times, alternando partidas entre o juvenil e o profissional.

– “Eu comecei a jogar basquete por acaso. Um amigo me convidou para brincar na quadra e eu fui. Nunca tinha pensado no esporte” – diz. Não demorou muito para se destacar como atleta e integrar os times da cidade. Em

2005, aos 16 anos, diante da falta de oportunidades na cidade, arriscou: foi para São José dos Campos, em São Paulo, onde tem parentes. Ali, fez o teste no Tênis Clube. Foi aprovado e começou a treinar. Já no primeiro ano, ganhou o Torneio da Juventude. Em 2006, foi contratado pelo Kiltex, de Curitiba. O time ficou em 3º lugar no Brasileiro. Nesse ano, fez um treino no Minas Tênis, em Belo Horizonte. Foi contratado – mesmo encerrado o período de contratação.

Sua carreira é gerenciada pelo pai, Ari Farias, que assume o papel de pai-empresário. É ele que faz contato com os clubes e discute as condições dos contratos. “Tinha uma época que a gente gastava muito com telefone. Hoje, o e-mail facilita mais um pouco”. No contrato atual pelo Minas, Jackson tem já garantidos: alojamento, alimentação, plano de saúde, transporte, estudo e ainda ganha uma bolsa de 300 reais. O atleta caravelense aguarda agora o início do Campeonato Bra-



Jackson e seu pai Ari

sileiro de profissionais. “A dificuldade maior é a saudade de Caravelas e dos meus pais” – diz. Nas férias, Jackson pode ser visto batendo bola nas quadras caravelenses como qualquer outro jovem da cidade.

## Seu Leonardo e o Samba de São Benedito

*Entrevista*



*Seu Leonardo Conceição Lousa tem 75 anos e é filho de Caravelas. Ele é presidente da Irmandade de São Benedito, grupo religioso que organiza a festa do Santo. Desde sua infância, por influência dos pais e avós, participa da festa do Samba de São Benedito. Esse ano, a festa caiu em maio. Seu Leonardo fala um pouco para o Timoneiro sobre o Samba de São Benedito.*

**O Timoneiro:** O que é o samba de São Bendito?

**Seu Leonardo:** O samba de São Benedito é uma música e dança feita em homenagem à São Benedito, discípulo de Jesus, cozinheiro e milagreiro. Antigamente, antes da festa de São Benedito, existia o Samba de Esmola, onde um grupo saía andando durante o mês de janeiro, fevereiro e março para as casas da roça e da cidade tocando o samba e pedindo colaborações para a festa. Existiam vários grupos de São Benedito na região que passavam em Caravelas, grupos vindos até de Nanuque.

**O Timoneiro:** Antigamente como era realizada a festa em Caravelas?

**Seu Leonardo:** A festa em Caravelas era realizada com a presença de aproximadamente 300 pessoas ou mais... e tinha mais força na roça. Hoje não, a festa e o samba enfraqueceu. Ninguém mais quer ser o tesoureiro e procurador (quem faz a coleta do dinheiro) e o samba de esmola terminou.

**O Timoneiro:** Como é formado este grupo do Samba de São Benedito?

**Seu Leonardo:** Existem dois pares de foliões: o da atuada e o que tira o verso, 1 grupo de mulheres dançarinas, 1 sanfoneiro, 4 pandeiros, 1 tambor, 1 caixa. Antigamente, o grupo era maior e o traje era todo branco. Hoje não a camisa é branca e a calça preta. Os foliões sempre levam a imagem do santo.

**O Timoneiro:** De onde veio a música (samba)?

**Seu Leonardo:** A música veio de influência africana com os escravos. São Benedito representa os negros, é um santo negro e cozinheiro.

**O Timoneiro:** Qual é data da festa?

**Seu Leonardo:** Cada ano cai em uma data diferente. Às vezes, no mês de março ou abril, é sempre uma semana depois da Semana Santa, durando três dias sendo um tríduo, na quinta, sexta e sábado. Antigamente, era na quinta feira maior e sexta feira da paixão... mais foi mudado.

**O Timoneiro:** Se não ocorre mais o samba da esmola, como vocês arrecadam dinheiro e pessoal para realizar a festa de São Benedito?

**Seu Leonardo:** Atualmente, cada ano tem um festeiro que fica encarregado de organizar e comprar o que a festa precisa, é o chamado de festeiro. A Irmandade de São Benedito prepara junto.

**O Timoneiro:** Os outros grupos de São Benedito da região ainda existem?

**Seu Leonardo:** Sim, em Prado tem a Marujada... e Nova Viçosa, o Folião de São Benedito. E aqui, a Irmandade de São Benedito, todos devotos de São Benedito.

**O Timoneiro:** Como o povo de Caravelas vê o Samba e a festa de São Benedito?

**Seu Leonardo:** A festa enfraqueceu muito principalmente pelas outras religiões.

**O Timoneiro:** O que você acha que pode ser feito para fortalecer?

**Seu Leonardo:** Apoio da prefeitura. Gostamos de nos apresentar e divulgar nossa Irmandade. Todo ano vamos em Porto Seguro nos apresentar. Queremos apresentar mais, mas não temos apoio. Somos convidados, mas não temos transporte e alimentação para o grupo. Precisamos registrar a Irmandade para conseguir auxílios diversos: para reformar a igreja, realizar a festa e apresentações.

*Fotos: Músicos e dançarinos do samba de São Sebastião. Na dança, a moça tenta dar a volta no rapaz. Com os movimentos da dança, ele tenta impedir. Se ele bobear e for volteado pelo par, fica avexado diante do grupo.*





## AB INFORMÁTICA

Av. Marechal C. Branco, 492 - Centro  
CEP: 45995-041  
Teixeira de Freitas - Bahia

Microcomputadores, Suprimentos, Móveis para  
Escritório e Hospitalares, Impressoras,  
Automação Comercial, Assistência Técnica

Tel: (73) 3291-9099

ab\_info@tdf.com.br



Baixa de Fotos da Câmera Digital  
Digitalização de Negativos  
Restauração de Fotos Antigas  
Gravação de CD e DVD

Rua 7 de Setembro, 242 - Centro - Caravelas/BA  
Tel: (73) 3297-1544  
e-mail: foto21@oi.com.br

### Hotel Marina



Seu ponto de descanso  
na Barra de Caravelas

Rua das Baleias, 333 - Praia do Grauçá  
Cep: 45900-000  
Telefone: (73) 3674-1060

### HORIZONTE ABERTO VIAGENS E TURISMO LTDA



Homepage: [www.horizonteaberto.com.br](http://www.horizonteaberto.com.br)  
Email: [horizonteaberto@yahoo.com.br](mailto:horizonteaberto@yahoo.com.br)

Tel: 3297-2018 / 1352



Rua Walt Disney, 86 - CEP 45.995-221 - Vila Vargas  
Telefax: (73) 3291-8832  
Teixeira de Freitas - Bahia



**LEIA TAMBÉM O  
TIMONEIRO NO  
PORTAL CARAVELAS**

[WWW.PORTALCARAVELAS.COM.BR](http://WWW.PORTALCARAVELAS.COM.BR)



Fone: (073) 3297-1931  
Fax: (073) 3297-1173  
[www.farolabrolhos.com.br](http://www.farolabrolhos.com.br)  
[farolabrolhos@uol.com.br](mailto:farolabrolhos@uol.com.br)

Estrada de Caravelas - Barra Km 1 - Trevo late  
Clube . Cep: 45900-000 - Caravelas - Bahia

## ESPETÁCULO INTEGRA PROJETO DE PRESERVAÇÃO DO MERO

*Era o dia 16 de julho. Já no final da tarde, em plena praça da Olaria, peixinhos nadavam entre corais! Ao som de atabaques e tambores, apareceram criaturas do mangue: guaiamuns e caranguejos dançavam ao redor de uma sereia... e aí, apareceu um Mero, o senhor das pedras...*

A descrição acima parece o início de um conto de Monteiro Lobato. Mas na verdade, se trata do espetáculo: *Cantos e Encantos do Mar* realizado pelo grupo Umbandaum, onde quase 30 artistas da comunidade, entre músicos e dançarinos, misturam cultura tradicional, canto e dança, para contar um pouco da vida dos seres do mar e do mangue. Um detalhe especial: o corpo de dança que fazia os peixinhos foi composto



por meninas do próprio bairro da Olaria, que participaram de uma oficina de dança do Umbandaum.

O espetáculo encerrou as atividades de um seminário que, entre os dias 14 e 16 de junho, envolveu mais de 40 pessoas entre pesquisadores, ambientalistas, representantes de órgãos públicos, pescadores e comunidade para definir estratégias iniciais do projeto "Meros do Brasil", patrocinado pelo Programa Petrobras Ambiental.

Estiveram presentes instituições parceiras dos quatro pontos focais em que o projeto está sendo realizado: Bahia (Associação de Estudos Costeiros e Marinhos dos Abrolhos - Ecomar), Pernambuco (Instituto Recife Costeiros - Ircos), São Paulo (Instituto Ambiental Vidágua) e Santa Catarina (Universidade do Vale do Itajaí - Univali). Além da gerente de projetos ambientais da Petrobras, de organizações parceiras, representantes de órgãos públicos, de comunidades pesqueiras, ribeirinhas, movimento artístico e a comunidade em geral.

O projeto pretende tornar o gigante Mero, em uma referência para preservação de ambientes marinhos e costeiros do Brasil, através de ações de conservação, gestão ambiental, pesquisas sobre a espécie, trabalhos de educação ambiental e conscientização, na tentativa de proteger o peixe e seu habitat, estimular alternativas sustentáveis de

geração de renda, como eco-turismo e artesanato, tendo a espécie como foco central.

O Mero, *Epinephelus itajara*, conhecido como o "senhor das pedras" ou "gigante do mar" é uma espécie de peixe de grande porte, da família Serranidae, a mesma da Garoupa e do Badejo. Além de ambientes costeiros e marinhos do Brasil, o peixe é encontrado em águas tropicais e subtropicais oceano Atlântico - por todo Golfo do México e Caribe, do Pacífico do Golfo da Califórnia (EUA) até o Peru. Em Caravelas, entre os pescadores da região, o Mero é conhecido como Bodete.





# Os ANTIGOS

Memória

## Quando se pagava com conto de réis

Fazer compras hoje remete logo à idéia de um supermercado. Mas em Caravelas, essa é uma invenção recente, dos últimos 30 anos. Qualquer conversa com um morador mais antigo desvela um passado quando outro tipo de estabelecimento detinha o papel principal na prática comercial no dia-a-dia da cidade:

os antigos armazéns. Eram os pontos de venda de mercadoria numa época em que Caravelas era um grande Centro Comercial. Existiam mais de 20 armazéns na



cidade. O ponto mais valorizado era a rua do Porto. Os comerciantes mais fortes eram da colônia Sírio-Libanesa, donos de boa parte das casas comerciais. Nomes e sobrenomes como Anísio Kassin-Arid ou Salomão Rashid ainda estão presentes na lembrança dos mais velhos. Quando o

Porto foi desativado, essa movimentação econômica migrou para Teófilo Otoni.

A economia de Caravelas era movimentada pelo café. Os produtos vendidos no comércio chegavam de navio ou avião. Os armadeiros levavam as mercadorias para os armazéns. Pouca coisa era estocada, a maioria ia direto para as prateleiras. Di-

versos produtos eram armazenados de formas diferentes das de hoje: a cerveja, por exemplo, vinha dentro de grandes caixas e eram acondicionadas em tanques com sal e ferragem para se manter frescas. Outros produtos comuns no uso cotidiano perderam a importância com o passar dos anos. É o caso do querosene usado como combustível em luminárias – e, mais tarde, no funcionamento de geladeiras.

# ARMAZÉNS



## Armazém: onde se comprava de tudo

Muitas construções que passam despercebidas na cidade hoje já funcionaram como antigos armazéns. O prédio onde fica a câmara dos vereadores já foi armazém da família Scofield e abastecia toda a região. Algumas casas ainda guardam a antiga fachada onde funcionavam as antigas casas comerciais. É o caso do prédio da Casa Carvalho, fundada em 1906, por Alfredo Francisco Carvalho. O estabelecimento foi o último dos armazéns a fechar as portas, em 2000. Sua fachada e mesmo o interior não estão muito diferentes do que era nos idos 1927, quando o estabelecimento mudou a Rua Barão do Rio Branco. Alfredo Medeiros Carvalho, filho do fundador e hoje com 90 anos, lembra dos antigos tempos de comércio.

—“Tínhamos um grande balcão que dava para qualquer uma das 7 grandes portas da loja. Depois que meu pai morreu trabalhei aqui com minha esposa. Vendíamos de tudo: ferragem, papelaria, miudezas, secos e molhados, alimentícios, bebida. Abriamos às 7 da manhã e trabalhávamos até 12 horas. Parávamos para o almoço e retornávamos às 13 horas. Depois íamos

até às 18 horas. De segunda à sábado. Não se comprava mantimentos para estoque como hoje, só o que seria consumido no dia. Café, açúcar, biscoito, manteiga. Tudo era pesado. Não tinha geladeira nessa época. Toda hora iam lá comprar produto. A maioria pedia para anotar na caderneta para pagar no fim do mês. A freguesia de cada um era certa. Era raro o calote, havia confiança nos fregueses.” — lembra Seu Alfredo, que já recebeu homenagens da Souza Cruz e da Companhia Garoto como o mais antigo cliente da região.



Foto acima: Senhor Alfredo Carvalho (Seu Alfredinho) e sua esposa Stela Carvalho durante mais de 50 anos tocaram para a frente o Armazém Casa Carvalho.

Foto ao lado: O antigo prédio da Casa Carvalho pode ainda ser visto na Rua Barão do Rio Branco. Suas 7 portas davam direto para o longo balcão. Mesmo a parte interna sofreu poucas modificações.

Foto superior à direita: Em 1952, foi inaugurado o Armazém Scofield & Souza. O Sr. Ismar Scofield era o gerente e empresário proprietário. O prédio hoje já modificado é ocupado pelo Armazém Capixaba

Foto acima no centro: Balança antiga usada nos armazéns para pesar as mercadorias.

Essa edição do jornal O Timoneiro teve o Apoio do:



Projeto Meros do Brasil



Essa Edição do Jornal O Timoneiro Teve o Apoio da Fundação Overbrook